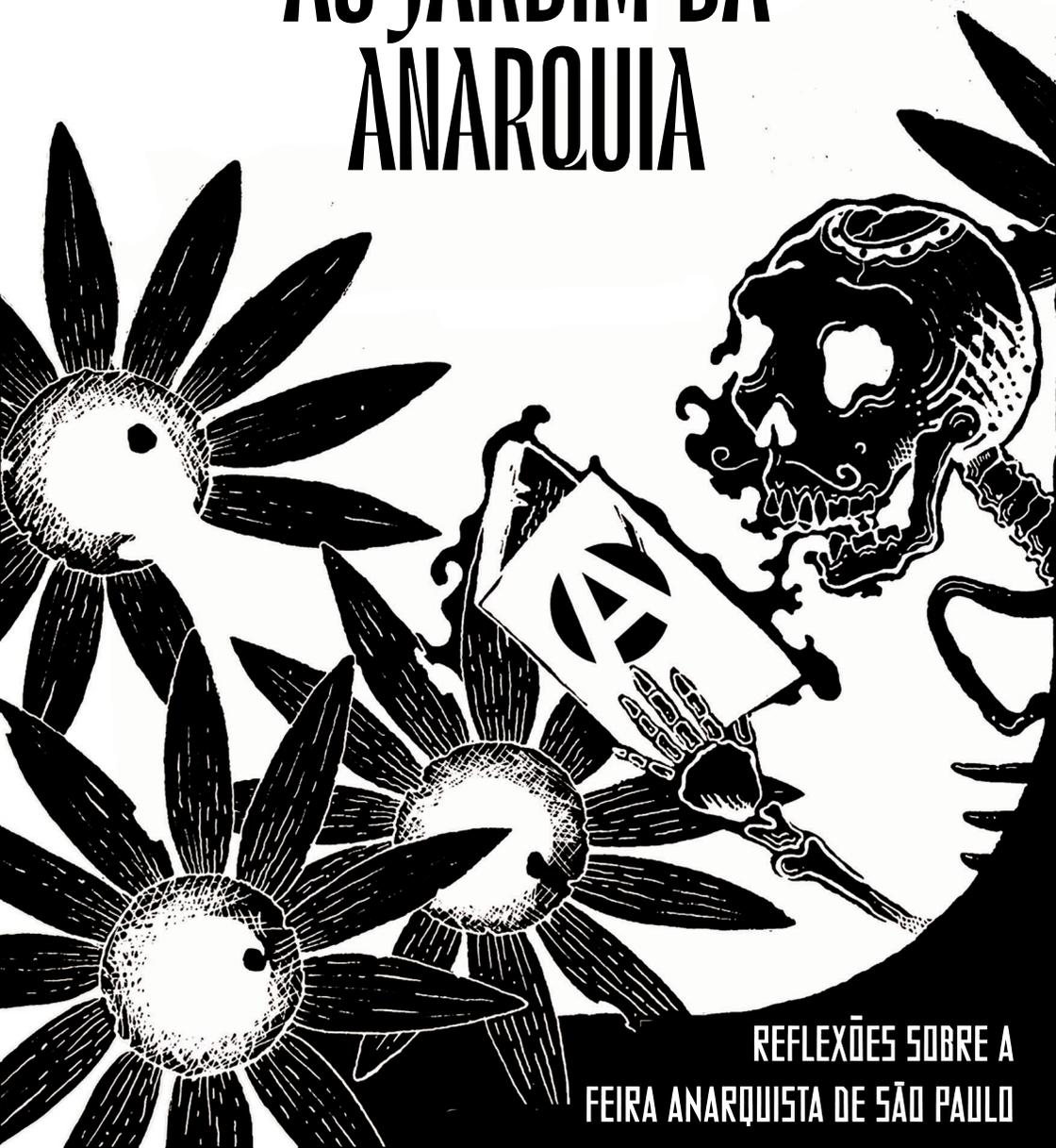


DA FLOR NO ASFALTO AO JARDIM DA ANARQUIA



REFLEXÕES SOBRE A
FEIRA ANARQUISTA DE SÃO PAULO

*PÔR FOGO EM TUDO, INCLUSIVE EM MIM.
AO MENINO DE 1918 CHAMAVAM ANARQUISTA.
PORÉM MEU ÓDIO É O MELHOR DE MIM.
COM ELE ME SALVO
E DOU A POUCOS UMA ESPERANÇA MÍNIMA.*

*UMA FLOR NASCEU NA RUA!
PASSEM DE LONGE, BONDES, ÔNIBUS, RIO DE AÇO DO TRÁFEGO.
UMA FLOR AINDA DESBOTADA
ILUDE A POLÍCIA, ROMPE O ASFALTO.
FAÇAM COMPLETO SILÊNCIO, PARALISEM OS NEGÓCIOS,
GARANTO QUE UMA FLOR NASCEU.*

CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE

A FLOR

UMA APRESENTAÇÃO

A Feira Anarquista de São Paulo nada mais é que um evento organizado por coletivos anarquistas, compostos por pessoas de diferentes idades, experiências, gêneros, etnias, orientações sexuais e origem social. É um dia dedicado a vivenciar e difundir os princípios políticos do Anarquismo: ação direta, apoio mútuo, autogestão, horizontalidade, educação libertária, combate aos preconceitos e discriminações de qualquer tipo, anticapitalismo. O presente texto foi escrito em novembro de 2024 como forma de reflexão sobre a trajetória desse evento. O título do texto e dos capítulos foram inspirados na arte do cartaz produzido por Bruno Oliveira (@oitoart_bruno) e no pensamento sobre o que move algumas pessoas a organizarem um evento como esse e o que leva milhares de pessoas a se envolverem de diversas maneiras e compa-recerem, como parte da programação e/ou como público interessado.

Que a leitura seja inspiradora tanto quanto foi para nós a escrita!

Boa leitura e nos vemos na Feira!

NASCEU UMA FLOR EM MEIO AO CONCRETO

BREVE HISTÓRIA DA FEIRA ANARQUISTA DE SÃO PAULO

A primeira Feira Anarquista de São Paulo aconteceu em 2006 e foi organizada pela editora anarquista Index Librorum Prohibitorum e pelo Coletivo Anarquista Terra Livre, com a intenção de criar um evento que proporcionasse o encontro entre indivíduos e coletivos e fosse meio de divulgação do pensamento libertário para a sociedade em geral. Ela mostraria, assim, que o movimento anarquista segue atuante e apresenta respostas atuais para velhos e novos problemas. Por várias edições, a Feira ocorreu em um centro cultural público municipal para

que o acesso fosse livre e gratuito. Hoje, ela acontece na sede de uma escola pública municipal, permanece com a proposta da gratuidade e livre circulação e é organizada por três coletivos.

A segunda edição só foi ocorrer em 2011, dois anos após a fundação da Biblioteca Terra Livre, que se somou, à época, ao coletivo Ativismo ABC, na intenção de retomar a proposta de organização da Feira. Desse modo, os dois coletivos organizaram o evento juntos por dois anos. A partir da quarta edição, em 2013, a Biblioteca Terra Livre se tornou a organizadora. Já em 2018, a responsabilidade por tamanho evento passou a ser compartilhada com o Centro de Cultura Social de São Paulo e o Núcleo de Estudos Libertários Carlo Aldegheri.

Um dos aspectos importantes da Feira foi sempre tentar criar uma perenidade, assim como observamos em alguns eventos de outros países que acontecem há 20 ou 30 anos. A grande questão era: como garantir que a Feira se expandisse e também se mantivesse ao longo do tempo? Ampliar a possibilidade de grupos e pessoas envolvidas nessa organização seria o melhor caminho e nada mais evidente que coletivos que já atuavam juntos e estabeleceram uma relação política solidária e constante se juntassem e, de maneira federativa, trabalhassem juntos. Não seria uma abertura irrestrita para qualquer grupo, por motivos óbvios de segurança e funcionamento dos trabalhos, mas uma ação de construção conjunta, partilhando o respeito recíproco, a responsabilidade e o compromisso ético que a militância anarquista exige. Buscamos uma Livre Associação real e palpável com outros coletivos, não um federalismo burocrático nem uma associação irresponsável diante da tarefa exigida.

Afinal, quais são os trabalhos exigidos? A comissão de organização se responsabiliza por toda parte estrutural, contatos, divulgação, programação, definição de expositores, segurança, limpeza e conservação, além de lidar com questões políticas e organizativas antes, durante e depois da Feira.

O QUE FAZ ESSA FLOR NO ASFALTO?

OBJETIVOS POLÍTICOS DA FEIRA ANARQUISTA

Os objetivos, desde o início, passam por difundir a perspectiva anarquista sobre as questões atuais na esfera pública de debates, para além de pequenos guetos ou redutos a que o anarquismo foi relegado pela repressão e dificuldades de organização e expansão. A ideia é mostrar que grupos anarquistas estão vivos e ativos, sendo criadores de teoria e prática libertárias e que devem se apresentar e se posicionar publicamente, afirmando suas posições no campo político, no sentido amplo, para toda a sociedade. Também pensamos que a Feira pode ser um momento de encontro, apoio mútuo e coordenação entre grupos anarquistas. O fato de se ter um espaço físico (centro cultural, café, biblioteca, infoshop etc.) cria pontos nodais de articulação e circulação de pessoas e ideias. Assim, a Feira pode se constituir como um desses pontos em que a cada ano convergem camaradas de todas partes do globo para desfrutar de um espaço construído de maneira libertária e avançar no aspecto organizativo, tanto internamente aos grupos como entre diferentes iniciativas.

Para concretizar todas essas intenções, sabemos que há sempre uma barreira bem difícil de transpor: a falta de recursos financeiros. A preparação da Feira em si não demanda muitos recursos e, em geral, os coletivos organizadores arcam com esses montantes e sempre organizam eventos beneficentes para reforçar o caixa e garantir algumas coisas que necessitam ser pagas (impressões de cartazes/folhetos/avisos/exposições, materiais de limpeza, higiene, trocadores para bebês, equipamentos de som e vídeo e outras que possam surgir). Contudo, sabemos que a realidade dos coletivos libertários não é tranquila, já que para suas atividades necessitam de algum dinheiro para manter suas estruturas e produzir propaganda. Portanto, uma outra intenção sempre foi facilitar uma forma para que os coletivos pudessem angariar fundos para manutenção de seus trabalhos através da venda e circulação de materiais como fanzines, livros, arte, comida, camisetas etc. Que, por um dia, pudessem ali vender as suas obras, fazer circular sua

produção para um público interessado e consciente de que todo dinheiro acumulado seria destinado a sustentar os projetos anarquistas. É uma forma de circulação econômica contrária ao capitalismo e ao consumismo, pois os “produtos” são gerados em sistema de autogestão por células autônomas e com intenção revolucionária. Dessa forma, os valores “acumulados” não beneficiariam uma pessoa ou um patrão, mas sim serviriam para sobrevivência de centros culturais, editoras e demais iniciativas libertárias. Muitos grupos relataram que, em um dia de Feira, conseguem levantar, por exemplo, o valor necessário para pagar o aluguel de alguns meses de seus espaços; outros, que puderam comprar materiais básicos para suas ações ou conseguir recursos para edição de mais fanzines ou livros.

A solidariedade da Feira ou dos coletivos que a organizam se materializou em diversos momentos com a realização de rifas, vendas beneficentes e doação direta de recursos para campanhas por presos políticos, recuperação de espaços após catástrofes climáticas, reformas estruturais de centros culturais, composição de acervos, apoio a ocupações e colaboração com companheiras/os doentes ou suas famílias em caso de falecimento. Nada diferente do que historicamente militantes do passado fizeram com muita constância e cooperação coletiva.

SOMENTE MAIS UMA FLOR EM UM IMENSO JARDIM RESPONSABILIDADE E DIVERSIDADE

“Também percebi que neste ano havia muitas pessoas mais velhas, ao contrário dos anos anteriores, em que o número de jovens era maior.”

Depoimento de frequentador da
Feira Anarquista de São Paulo (2017)

“Temas fundamentais como gênero, classe, raça, etnia, ecologia e veganismo, bem como a multiplicidade de lutas dentro deles estavam presentes e permearam debates, apresentações e mesmo conversas informais.”

Depoimento de frequentadora da
Feira Anarquista de São Paulo (2017)

O evento que organizamos anualmente na cidade de São Paulo, território dominado pelo estado brasileiro, é somente e nada mais que UM evento anarquista. Não é a Feira “DO” Anarquismo do Brasil (nem pretendemos que seja), nem é “A” Feira Anarquista (na medida de ser a única), e sim apenas UMA Feira Anarquista como tantas outras que existem e que torcemos para que surjam em várias partes do planeta.

Não somos uma empresa nem uma ONG ou uma igreja. Fazemos a Feira como pensamos que ela deve ser (e isso dá muito trabalho). Mudamos ao longo dos anos e mudaremos na medida em que os coletivos organizadores julgarem necessário. Não trabalhamos para atender desejos ou expectativas de quem quer seja. Não temos a cartilha do anarquismo nem isso desejamos. Somos coletivos com pessoas que carregam suas contradições e dificuldades na auto-organização e na gestão de um evento tão grande e importante como esse.

Acreditamos nos princípios básicos do anarquismo: na livre associação, na livre iniciativa, no livre pensamento, no apoio mútuo, na solidariedade, na cooperação, na autogestão, na ação direta e na ética libertária. Buscamos implementá-los e experimentá-los de diversas maneiras. A livre associação é base do ideal anarquista; portanto, a organização do evento reivindica essa prática. Nós nos associamos com a intenção de federar trabalho com coletivos que possuem afinidade política, respeito e solidariedade entre si. Não nos movemos pela lógica liberal, não lançamos edital com regras burocráticas, fixas ou preestabelecidas.

Fazemos um convite para que coletivos interessados proponham atividades na Feira que serão incorporadas à programação somente se estiverem de acordo com os princípios explícitos em nossos materiais e se houver condição técnica e espacial para tanto. Dessa forma, a organização da Feira Anarquista seleciona as atividades propostas com

base nos critérios de afinidade com os princípios políticos da Feira, amplamente divulgados em todos os chamados anuais, além de levar em conta as limitações de tempo e espaço do evento.

Lembramos sempre do caso ocorrido com o anarquista Ronald Creagh, na segunda Feira Anarquista, em 2011: ele, um senhor de idade, já contando com mais de 80 anos, se apresentaria cantando canções anarquistas acompanhado por uma banda, mas, ao primeiro acorde, caiu a energia elétrica do local e os instrumentos não funcionaram. Ele não teve dúvida: em vez de se lamentar ou se chatear com a organização, decidiu, solidária e corajosamente, executar todas as canções a capella. Foi um dos episódios mais emocionantes de toda a história da Feira. Por outro lado, já enfrentamos críticas, acusações e desrespeito por parte de pessoas e coletivos que, tal como alguém que contrata um serviço e, por isso, exige que sua vontade seja atendida, sentiram-se “prejudicados”. Já enfrentamos diversas vezes temporais que obrigaram mudanças emergenciais em estrutura e atividades. Já lidamos com limitação de uso de espaço, sem aviso prévio, por parte da gestão dos locais que receberam a Feira. Além disso, sempre há situações em que pessoas e coletivos atrasam ou simplesmente não aparecem para realizar sua atividade. Até tivemos que lidar com diferentes tipos de tensões e conflitos entre público e mesmo expositores.

É importante ressaltar que nesse processo existe um elemento essencial: as relações políticas entre coletivos e movimentos sociais, pautas e demandas sociais vigentes em cada momento histórico... todos esses aspectos orientam a análise por parte dos organizadores. Novamente, a prerrogativa da livre associação, das relações solidárias, construtivas e de afinidade política são importantes. Pouca gente sabe, mas já recebemos inscrições para exposição na Feira de institutos liberais e de editora capitalistas. Historicamente, sabemos que era comum em festivais operários, reuniões de coletivos e palestras anarquistas ocorridas no Brasil, haver um aviso na porta indicando que os organizadores se reservavam no direito de impedir a entrada de quem quer que fosse. Assim, tentavam evitar a presença indesejada de policiais e integralistas que pudessem ser uma ameaça ao evento e até mesmo aos militantes que ali frequentavam. Nada disso impediu, por exemplo, a infiltração policial nos grupos anarquistas ontem e hoje. Defendemos a Feira por

muitos anos da participação de grupos, instituições e pessoas alheias ao anarquismo ou aos movimentos sociais autônomos. Já se inscreveram partidos, grupos da esquerda institucional, stalinistas, liberais radicais e “anarcocapitalistas”. Empresas de grandes conglomerados editoriais sempre tentaram lucrar vendendo seus títulos sobre o tema libertário. Assim como em qualquer evento libertário na história, nós reivindicamos o direito de definir quais projetos participarão ou não da feira como expositores, palestrantes etc., baseados nos critérios e princípios definidos pelos coletivos.

Já fizemos escolhas erradas? Claro. Tanto relativo ao aceite de propostas como à recusas. Mas quem não erra (ou não admite que erra) pode buscar sua mansão no paraíso cristão.

Por mais de uma década, temos criado estruturas de proteção e segurança do evento, dos coletivos e para os indivíduos presentes. Atuamos previamente e no dia para evitar a ação da vigilância e infiltração policial, da repressão da PM e da GCM, ataques de grupos de extrema direita, brigas de gangues, intimidações de órgãos públicos administrativos do município, assumindo todas as responsabilidades que esse tipo de evento acarreta. Ou seja, seguramos dezenas de graves B.O.s, evitando violências ou agindo prontamente em caso de ocorrências. Sempre contamos com as pessoas presentes e temos a convicção de nossa capacidade de resolver os problemas e conflitos que, porventura, possam surgir, de maneira autônoma e respeitando os acordos e práticas anarquistas. Também temos espaços seguros para pessoas em situação de vulnerabilidade e violência, que acolhemos em diversas situações, e para crianças.

Tudo para que todas pessoas presentes possam desfrutar da Feira sem terem que lidar com tantas ameaças externas que todo anarquista enfrenta ou sabe que enfrentará. Ao longo dos anos, fomos criando maneiras de envolvimento e participação de expositores e palestrantes, no sentido de fomentar a solidariedade e apoio mútuo e, ao mesmo tempo, incentivar que mais eventos semelhantes sejam organizados.

A Feira é um espaço inclusivo, construído em autogestão, que pretende ser uma vitrine do anarquismo para a sociedade em geral, demonstrando que o ideal segue vivo e ativo, com intensa produção intelectual e cultural. É um espaço de debate para a construção de lutas

e projetos libertários concretos, entre grupos das diversas vertentes do anarquismo. Também é uma oportunidade dos coletivos conseguirem arrecadar recursos financeiros para a manutenção de seus projetos. Sabemos que muitas iniciativas não conseguem sobreviver por conta da barreira econômica imposta a nós classe trabalhadora. Inclusive, em mais de uma ocasião, arrecadamos dinheiro para grupos libertários que estavam passando por situações de vulnerabilidade.

A Feira não é um mercado livre, tal qual a plataforma comercial que emula a mão invisível do mercado, onde qualquer indivíduo pode comprar e vender qualquer coisa, sem critérios éticos ou políticos. Portanto, não é cabível nem aceitável que qualquer um chegue para vender seus produtos dentro da Feira ou que faça isso na porta do evento. A organização coletiva e o respeito à uma ética libertária devem estar à frente de qualquer interesse econômico pessoal.

A Feira é uma atividade com entrada franca. Ou seja, é uma prova de que é possível realizar um grande evento anarquista a um baixo custo. É claro que uma empreitada como essa só pode ser bem-sucedida porque conta com a solidariedade de diversos companheiros e companheiras, que compartilham desse sentimento tão difundido nos meios libertários, mas muitas vezes tão pouco praticado de maneira geral.

SEMEANDO MUNDOS NOVOS

A PRESENÇA ATIVA DE CRIANÇAS NA FEIRA

“O espaço da criança, espaço super importante criado pela Feira, contou com contação de história, caça ao tesouro, debate sobre cuidado dos pequenos e maternidade, oficinas... Cada vez mais este espaço ganha importância, porque interagem crianças e pais”.

Depoimento de frequentadora e ex-organizadora da Feira (2017)

“Com um espaço totalmente dedicado para acolher as crianças que acompanhavam os visitantes da Feira, mostramos nossa

preocupação em construir um espaço convidativo e acolhedor para as mães, os pais e as crianças”.

Depoimento de frequentador da Feira (2017)

A presença de crianças na Feira é entendida como ação essencial para a continuidade das lutas pelo fim da exploração e da dominação. Diferente de ambientes capitalistas (restaurantes, shoppings, eventos de classe média), não temos “espaço kids” nem aceitamos a ideia de que crianças não devem frequentar espaços políticos ou que elas atrapalham debates e reuniões. Nada mais violento que excluir as novas gerações de nossas práticas e do contato com nossos modos de pensar e agir.

Ao longo das edições fomos percebendo que era necessário inserir novos sujeitos no ambiente militante: as crianças e seus adultos responsáveis (frequentemente, mulheres trabalhadoras e mães). Alguns debates foram realizados sobre maternidade/maternagem e militância, o que culminou na necessidade de criar maneiras em que mulheres e mães pudessem continuar atuando em nossos coletivos e presentes ativamente na Feira.

As crianças, como historicamente o anarquismo acredita, são pessoas completas, com suas experiências e necessidades específicas que devem ser incorporadas no cotidiano do movimento anarquista. Elas são o porvir, a sociedade futura, e não são “pequenos adultos” a serem moldados segundo perspectivas educativas capitalistas liberais (e tantas outras) que buscam conformar a criança. Afirmamos que elas têm que ter o direito de fruição de espaços libertários e a uma educação anti-autoritária. Por isso, deve ter garantida a oportunidade de vivenciar a sua infância, suas formas de olhar o mundo, discutir e interagir na sociedade, com a linguagem e atividades adaptadas às suas necessidades.

As pessoas participantes dos debates em um Grupo de Estudos sobre Anarquismo e Educação decidiram colocar em prática algumas perspectivas libertárias de educação, fundando, assim, o Espaço Adelino de Pinho e o Laboratório de Educação Anarquista (LEA).

O Espaço Adelino de Pinho é uma experiência libertária em educação direcionada para crianças e seus adultos que ocorre há 10 anos no dia da Feira. Não se trata de um “espaço kids”, já que não queremos o isolamento das crianças (muito pelo contrário!). Construímos um ambiente

adaptado e dedicado para receber bem as crianças e os seus adultos, que querem também brincar, ler um livro, interagir e estabelecer uma vivência junto com as crianças. A Feira passou a conter programação destinada para crianças e adolescentes como peças teatrais, contações de histórias, oficinas e jogos. A circulação das crianças na Feira hoje se tornou costume, através da interação com os coletivos e indivíduos presentes.

Assim, visamos garantir a participação de várias e vários camaradas que são responsáveis por crianças que, na maioria dos locais de militância, não se sentem bem e não sentem que podem participar. Isso ocorre porque há comportamentos repressivos e preconceitos em relação às crianças ou que a presença delas é vista negativamente, muitas vezes sendo isoladas e silenciadas para não “atrapalharem” as atividades dos adultos. Observamos isso em muitas situações, inclusive em espaços que se consideram libertários.

Um resgate histórico demonstra que as crianças sempre estiveram presentes no movimento anarquista em uma posição ativa, declamando poemas, cantando músicas nos congressos, em reuniões, festivais, piqueniques, participando de greves (muitas crianças também eram trabalhadoras) e até mesmo sendo presas... Elas sempre foram integradas nas atividades de militância. Por esse motivo, buscamos preencher a Feira com várias atividades para as crianças e achamos isso bastante importante.

Toda criança é bem-vinda, pois, como disse Élisée Reclus, “quando pudermos agir e realizar nosso querer, nosso grande objetivo será evitar às nossas crianças todas as misérias que nós próprios sofremos. Tenhamos a firme resolução de fazer dessas crianças homens livres, nós que ainda não temos da liberdade senão a vaga esperança” (O futuro de nossas crianças).

REGANDO O JARDIM COLETIVAMENTE

TRABALHO COLETIVO NA FEIRA ANARQUISTA

“Esse processo de trabalho conjunto colaborativo é uma prática que a gente sempre, enquanto anarquistas, sempre acreditou e acredita que é a questão da federação de trabalho, da cooperação,

do apoio mútuo. A materialização da Feira é isso. É uma forma de externar esse trabalho colaborativo extremamente importante no movimento anarquista (...). Quando a gente começou a materializar esse processo de federação de trabalho dentro da organização da Feira, [isso] nos trouxe também, óbvio, muito trabalho e, como sempre, todo ano muito trabalho, mas também uma perspectiva muito mais ampla desse processo de construção. Como é complexo, como são complexas algumas questões e justamente por ser um evento de porte tão grande que movimenta centenas de pessoas durante um dia por ano... E como lidar com essas dinâmicas de entrar em contato com diversos coletivos, pessoas de fora do país? Como organizar a programação, como tentar integrar todas as questões que para nós são pertinentes, são importantes? Não só numa perspectiva entre coletivas, mas uma perspectiva política também quanto anarquistas. Eu acho que é um processo muito lindo, muito, muito importante”.

Declaração de uma organizadora da
Feira Anarquista de São Paulo (2021)

A Feira não poderia acontecer sem a adesão de muitas pessoas. Ela também não aconteceria sem o trabalho cotidiano, de longo prazo e de mão na massa de pessoas e coletivos que se associaram a partir de 2006 para criar um evento, de maneira federada e baseado no princípio da livre associação.

Entre os trabalhos que são necessários realizar a cada edição, podemos destacar: providenciar local; articular com gestores e organizações que coordenam e circulam no espaço; criar estruturas para receber tantas pessoas da maneira mais confortável possível; garantir acessibilidade e segurança para todas as pessoas presentes; criar um ambiente acolhedor para crianças e seus adultos responsáveis; dialogar com os grupos e coletivos proponentes de atividades e exposição de material; construir a programação cultural e política; fazer a divulgação e posterior avaliação; atender às necessidades de realização das dezenas de atividades que ocorrem concomitantemente; e arrumar e limpar o local após a finalização do evento.

Para que tudo isso ocorra, são realizadas reuniões periódicas durante os meses anteriores à Feira. As decisões são tomadas pelos coletivos

organizadores de maneira horizontal e ancoradas nos princípios anarquistas, principalmente o federalismo. Dentro do método de organização da Feira, as decisões não são impostas. Como parte do nosso aprendizado, desde os últimos anos, temos realizado reuniões prévias com todos os coletivos expositores, que não fazem parte diretamente da organização, justamente para criar um canal de diálogo, no qual os diversos grupos possam expor suas próprias demandas e sugestões. Infelizmente, nem todos comparecem. Nessas conversas, apresentamos os princípios, ficamos à disposição para esclarecimentos e atendimento de demandas específicas, novas ou urgentes. Por esse motivo, no final do evento desse ano (2024), enviaremos um formulário para cada coletivo que participou da Feira Anarquista, para que eles possam avaliar o evento, expor críticas e propor sugestões de melhorias. Essa é uma forma que pensamos de incluir cada vez mais os coletivos expositores na construção da Feira, tornando a organização cada vez mais coletiva e horizontal, compartilhando ideias, tarefas e responsabilidades na medida das possibilidades e interesses de cada grupo.

A Feira já foi organizada por um único grupo, por dois e, atualmente, por três coletivos responsáveis. A intenção é que as formas de organização desse evento possam ser compartilhadas entre grupos que constroem relações solidárias e de trabalho coletivo, buscando a continuidade da realização de Feiras para além das existências dos coletivos. Também apoiamos e encorajamos sempre toda e qualquer iniciativa anarquista de construção de atividades e espaços (com esclarecimentos, troca de ideias e apoio financeiro, além de nossa presença). Desejamos que cada vez mais e mais outras pessoas/organizações construam suas próprias formas de gerir espaços sociais e criar feiras e outros eventos libertários, dando respostas às suas necessidades econômicas e políticas, adaptadas às realidades concretas e visões de mundo.

Saudamos, assim, companheiras que em diversas partes do território dominado pelo estado brasileiro criaram iniciativas nesse sentido: Salvador, Porto Alegre, Recife, Natal, Baixada Santista, Ribeirão Preto, Belém, Rio de Janeiro, Distrito Federal, Presidente Prudente, Belo Horizonte, Caicó, São Paulo, entre muitas outras geografias, além das centenas de Feiras similares em outros países e diferentes continentes da Terra.

PISOTEANDO FLORES

A QUESTÃO DO DISSENSO E DA ÉTICA ANARQUISTA

“Eu participo desde a segunda edição (da Feira)... e é uma experiência muito cansativa, é o dia inteiro trabalhando... É muito gostoso, a gente fica o ano inteiro se programando pro evento e às vezes dá treta... é difícil. É bem complicado coordenar tudo, coordenar pessoas, as banquinhas de venda também, as atividades. Mas é muito bonito ver tanta gente. A gente tem por volta de 2000 pessoas circulando no espaço da Feira e é da hora. Assim, a gente sai exausto, a gente sai da feira e vai dormir, mas muito feliz, a gente sempre fica muito feliz”.

Declaração de uma organizadora da
Feira Anarquista de São Paulo (2016)

A Feira foi atacada por diversos flancos desde o primeiro momento. Vivemos vários “perrengues” e, muitas vezes, quase fomos impossibilitados de realizá-la. Até mesmo pensamos em desistir diante de tantas intempéries e dificuldades, que geraram cansaço, estresse, prejuízos físicos, econômicos e psíquicos a muitas das pessoas envolvidas na organização.

Claramente, devemos citar, em primeiro lugar, a oposição do governo de plantão, das forças de segurança do estado, da prefeitura, de partidos, de políticos, da burocracia, de grupos nazifascistas, de empresas e empresários como elementos externos que geraram situações tensas e ameaçadoras para a continuidade da Feira. Desses não esperávamos nada diferente.

No entanto, também há casos de “fogo amigo”, ou seja, ataques à Feira vindos de grupos que circulam na órbita do anarquismo. Esses são os mais desanimadores, pois são inesperados e frequentemente carregados de virulência, covardia e, inclusive, calúnias. Por um lado, tecer críticas a uma organização de um evento libertário é obrigação de qualquer militante, assim como debater e apoiar a solução de eventuais problemas. Por outro lado, escutar as críticas, aceitar outras visões, avaliar e construir uma resposta política própria é dever e direito de

qualquer coletivo. Muitas vezes, as respostas nos levaram a pequenas mudanças; em outros momentos, exigiram ações mais radicais. O direito de discordar da proposta, forma ou execução do evento é algo que deve ser respeitado. Isso pode ter como consequência aproximações ou distanciamentos, associações ou rompimentos. Desejamos sempre que a dissensão seja criadora! Assim como foi quando decidimos iniciar, há quase 20 anos, a organização da Feira Anarquista de São Paulo.

Para nós, é inacreditável e inaceitável que pessoas e coletivos que se consideram parte do mesmo espectro político (não falamos de esquerda, e sim do anarquismo) possam adotar como ação política criar qualquer tipo de empecilho ou dificuldades para a realização de um evento que é frequentado há anos por uma diversidade de pessoas, grupos e ideias do campo libertário, de diferentes idades, experiências de vida, etnias, gênero etc. Não parece ser uma ação compatível com os ideais anarquistas. A organização da Feira nunca fez acusações, denúncias ou exposições públicas de informações sensíveis sobre qualquer pessoa ou organização. Não é nosso modo de agir. Prezamos pelo respeito e desejamos manter a retidão ética de nossas condutas. Nossa resposta é e sempre será trabalho, trabalho e mais trabalho em prol do anarquismo.

Apesar de todo nosso trabalho, a cada ano nos deparamos com uma série de críticas (algumas positivas e posteriormente incorporadas), muitas ameaças, boicotes, cartas de repúdio e muitos, mas muitos posts e stories nas redes sociais, contrários ao evento e aos coletivos organizadores de diversas formas. Por sorte, começamos nas lutas muito antes de existir internet e sabemos que a prática política se dá no cotidiano, no olho no olho e na realidade social concreta. Como afirmou o anarquista francês Maurice Joyeux, “não se constrói um movimento com discursos e escritos. Um movimento é a soma de milhares de esforços que não proporcionarão a seus autores nenhuma glória, e que, são o motor da organização. O gesto nobre, o discurso ou o escrito são apenas a consagração da realidade do movimento que repousa inteiramente sobre o trabalho militante”.

A primeira Feira aconteceu em 2006, aos trancos e barrancos, com muitas incertezas. Atualmente, estamos na 14ª edição e esperamos que ela sobreviva por muitos anos, para além dos coletivos e indivíduos que a organizam atualmente. Para isso, temos seguido a máxima do geógrafo anarquista Reclus: “Anarquia é a mais alta expressão da ordem”.

A FLOR INSISTE EM NASCER

CONVITE

Nós e nossos coletivos, um dia, deixaremos de existir. Apesar disso e para além disso, a Feira pode e deve viver até quando for necessária para pessoas e coletivos e ainda cumprir algum papel relevante para o movimento anarquista.

Tem alguma dúvida de como funciona um sistema libertário em pequena escala? Quer conhecer e debater mais sobre as ideias e práticas anarquistas na história e na atualidade? Deseja conhecer mais sobre os coletivos organizadores, as pautas e princípios da Feira? Nada melhor que ver com os próprios olhos. Por isso, reforçamos o convite para que compareçam em uma das edições e troque ideias com as iniciativas presentes.

É com essa disposição que realizamos a XIV Feira Anarquista de São Paulo, em 24 de novembro de 2024. Convidamos todas as pessoas que compartilham das ideias libertárias para participarem e construam a Feira Anarquista conosco. Compareçam! Conversem com os coletivos que participam do evento. Aproveitem a oportunidade para se organizar, para conspirar e para construir ações eficazes no combate a toda forma de autoritarismo!

Damos boas-vindas a todas, todos e todes!

Saudações libertárias e nos vemos na próxima!

Biblioteca Terra Livre
Centro de Cultura Social
Núcleo de Estudos Libertários Carlo Aldegheri

PARA SABER MAIS SOBRE A FEIRA ANARQUISTA

Acesse o histórico das Feiras anteriores e conheça a programação das edições passadas:

<https://feiranarquistasp.wordpress.com>

REFERÊNCIAS

Todas as informações e depoimentos foram extraídos de páginas e vídeos publicados na internet.

OLHARES LIGEIROS SOBRE A VIII FEIRA ANARQUISTA DE SÃO PAULO

A.N.A. em 23 de Novembro de 2017

<https://noticiasanarquistas.noblogs.org/post/2017/11/23/olhares-ligeiros-sobre-a-viii-feira-anarquista-de-sao-paulo/>

VIII FEIRA ANARQUISTA DE SÃO PAULO:

"A SOLIDARIEDADE É FUNDAMENTAL PARA SEGUIRMOS EM FRENTE"

A.N.A. em 22 de Novembro de 2017

<https://noticiasanarquistas.noblogs.org/post/2017/11/22/viii-feira-anarquista-de-sao-paulo-a-solidariedade-e-fundamental-para-seguirmos-em-frente/>

PODCAST 107 - 7 FEIRA ANARQUISTA DE SÃO PAULO

Desobediência Sonora em 21 de Novembro de 2016

<https://www.youtube.com/watch?v=uSXuLnffhAg&t=938s>

ABERTURA DA XI FEIRA ANARQUISTA DE SÃO PAULO

Feira Anarquista de São Paulo em 8 de Novembro de 2021

<https://www.youtube.com/watch?v=sxfsjTrfrPI&t=1601s>

A FEIRA ANARQUISTA DE SÃO PAULO NADA MAIS É QUE UM EVENTO ORGANIZADO POR COLETIVOS ANARQUISTAS, COMPOSTOS POR PESSOAS DE DIFERENTES IDADES, EXPERIÊNCIAS, GÊNEROS, ETNIAS, ORIENTAÇÕES SEXUAIS E ORIGEM SOCIAL. É UM DIA DEDICADO A VIVENCIAR E DIFUNDIR OS PRINCÍPIOS POLÍTICOS DO ANARQUISMO: AÇÃO DIRETA, APOIO MÚTUO, AUTOGESTÃO, HORIZONTALIDADE, EDUCAÇÃO LIBERTÁRIA, COMBATE AOS PRECONCEITOS E DISCRIMINAÇÕES DE QUALQUER TIPO, AO CAPITALISMO E AO ESTATISMO. O PRESENTE TEXTO FOI ESCRITO EM NOVEMBRO DE 2024 COMO FORMA DE REFLEXÃO SOBRE A TRAJETÓRIA DESSE EVENTO.

